

Parasitologista estuda doenças pré-colombianas

Quando os cientistas Luiz Fernando Ferreira, Ulisses Confalonieri e Adauto Araújo revelam o tipo de pesquisas a que se dedicam, o interlocutor quase sempre ri: eles estudam coprólitos, o que significa fezes fossilizadas. Mas é com esse material que os três pesquisadores estão abrindo chaves para a compreensão da história das doenças parasitárias e da história do próprio homem.

Ferreira, Confalonieri e Araújo são paleoparasitologistas. Eles estudam o parasitismo em populações pré-colombianas da América do Sul, através de análise de coprólitos recolhidos por arqueólogos. Em seu laboratório na Fundação Oswaldo Cruz, eles já descobriram, por exemplo, que a ancilostomose, doença endêmica no Brasil que comumente se acredita ter sido trazida da África pelos escravos, já existia em terras brasileiras muito antes do Descobrimento.

Migrações pré-históricas

Além de fornecer informações sobre as doenças, a paleoparasitologia — uma disciplina relativamente nova e na qual não há mais do que seis ou sete pesquisadores em todo o mundo, incluídos os três brasileiros — acrescenta conhecimentos do interesse de arqueólogos e antropólogos. Através da análise de coprólitos de 3 mil 500 anos de idade recolhidos em Unaf, norte de Minas Gerais, os pesquisadores obtiveram uma importante evidência sobre as migrações do homem pré-histórico para a América.

Há uma teoria bastante aceita na comunidade científica internacional de que os primeiros homens que chegaram à América, vindos da Ásia, passaram a pé pelo estreito de Bering (que liga a Sibéria ao Alasca). Isto teria ocorrido entre 20 mil e 12 mil anos atrás, durante a última glaciação, quando o gelo que se acumulou na calota polar reduziu o nível dos oceanos, permitindo que o estreito pudesse ser atravessado a pé. Mas a antropóloga americana Betty Meggers tem uma teoria — baseada em comparações de cerâmicas japonesas e equatorianas — de que houve também um expressivo contingente de migrações via marítima, pelo oceano Pacífico.

Nos coprólitos recolhidos na Gruta do Gentio, em Unaf, pelo arqueólogo Ondemar Dias, Ferreira e seus colegas acharam ovos de ancilostomídeos (o parasita causador da ancilostomose). Além de mostrar que a doença já existia no Brasil pelo menos 2 mil anos antes da chegada

dos portugueses e dos africanos, o achado reforça as teses da americana Meggers. Os ancilostomídeos cumprem uma parte de seu ciclo evolutivo no solo e, para sobreviverem, precisam de temperaturas quentes. Como a rota migratória do estreito de Bering estava submetida a temperaturas baixas, seria impossível que os homens pré-históricos que por lá passaram estivessem contaminados com esses parasitas. Daí, a idéia de que deve ter sido trazido nas migrações pelo Pacífico.

No próximo mês, a Dra. Meggers virá ao Rio participar de um encontro de antropólogos e Luiz Fernando Ferreira espera aproveitar a oportunidade para discutir com ela as implicações de suas descobertas.

Desde 1978, quando começou a se interessar pela paleoparasitologia, Ferreira e, posteriormente, Confalonieri e Araújo, já examinaram cerca de 700 amostras de coprólitos recolhidos no Brasil, no Chile e na Argentina.

Em amostras que o arqueólogo chileno Lautario Nuñez recolheu em Iquique, norte do Chile, eles encontraram um parasita chamado *diphilobotrium pacificum*, que infesta o homem através de peixes. Isto abre uma informação sobre hábitos alimentares das populações da região por volta do ano 4 mil a.C.: comiam peixe cru ou mal cozido.

Em coprólitos coletados no sítio arqueológico de Caserones, no vale de Tarapaca, também no Chile, datados do período entre o ano 400 a.C. e o ano 800 da nossa era, encontraram ovos de *enterobius vermiculares*, um parasita ainda hoje bastante comum em crianças do continente americano, conhecido como bxiúro.

Luiz Fernando Ferreira explica que o campo da paleoparasitologia ainda é novo e tem muitas questões metodológicas não resolvidas. Mas acha que ele oferece enormes oportunidades de estudo e seu interesse não é apenas pelas informações históricas que oferece. "As doenças se modificam com o tempo. Saber como elas eram no passado permite conhecê-las melhor hoje", diz ele.

Ferreira quer atrair jovens pesquisadores para a paleoparasitologia. "Há um enorme campo de trabalho nessa área", diz ele, "e as pesquisas são relativamente fáceis de conduzir, pois não exigem grandes gastos com equipamentos: basta microscópio e câmara fotográfica", explica ele. De fato, uma vez recebida a amostra mandada pelo arqueólogo (já datada pelo teste do Carbono 14), o paleoparasitologista tem que retratá-la — por uma técnica simples, que é a imersão numa solução de fosfato trissódico durante 72 horas — para que retome seu aspecto original. Em seguida, a amostra é examinada com as mesmas técnicas usadas em qualquer laboratório.

W. G. G. G. G.
17/8/86
Journal do Brasil